

## EDITORIAL

A primeira edição de *A Interpretação dos Sonhos* de Sigmund Freud completa, neste ano, um século de existência. Assim, dando continuidade ao projeto de tematizar conceitos e problemáticas há muito presentes na Psicologia, bem como em outras disciplinas a ela relacionadas, este número da revista Psicologia USP privilegia a questão do Inconsciente. Trata-se de uma noção cujo valor dispensa longas justificativas, pois é uma das articuladoras não apenas da Psicanálise, mas do próprio campo das Ciências Humanas<sup>1</sup>.

No entanto, este número não pretende responder imediatamente a questão “o que é o inconsciente?”, nem propor uma coletânea das leituras que a problemática suscita nas várias disciplinas científicas, mas interrogar a noção a partir do vértice psicanalítico propriamente dito, uma vez que este, por si mesmo, abre a possibilidade do discurso vir a ser plural. E essa pluralidade se faz presente nos ensaios aqui reunidos: são múltiplos os aspectos analisados, assim como as próprias maneiras de analisá-los. Assinam os escritos autores de diferentes procedências acadêmicas e não-acadêmicas, abordando obras e idéias também de autores diversos – Freud, Abraham, Melanie Klein, Bion, Ferenczi, Matte-Blanco, Groddeck, Stuart Mill, Lacan, André Green, Pontalis, Merleau-Ponty, Foucault, Derrida, T.S. Elliot, Clarice Lispector, Garcia-Roza, entre outros.

Deve ser ressaltado que tal pluralidade não determinou, como se poderia esperar, uma distribuição casual ou arbitrária dos artigos. Ao contrário, estes se sucederam numa ordem articulada entre dois pólos

---

1 Foucault, M. *Les mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard, 1966, cap.X.

temáticos: espaço e tempo. Assim, delineando o cerco das problematizações, o primeiro trabalho parte da pergunta “onde está o inconsciente?” para analisar a questão dos lugares do inconsciente/consciente, presente em Freud desde a Primeira Tópica; e o último ensaio, abordando o tema da historicidade do inconsciente, portanto, da temporalidade em seu duplo registro – sincronia e diacronia – , deixa em aberto algumas interrogações a propósito da utopia de um “mundo sem-mitos” ou, mais radicalmente, de uma “ordem sem-sentido”, emergente no imaginário contemporâneo. Entre esses trabalhos, agrupam-se os demais (inclusive a resenha) em dois blocos complementares: um primeiro em que as análises se concentram sobre questões conceituais, fundamentadas ora na Filosofia, ora na História da Psicanálise, e um segundo em que predominam as questões poéticas e culturais – a clínica, a arte, a literatura, a canção, a mitologia, as instituições. Contudo, apesar de todas as diferenças, a passagem de um bloco ao outro é gradual e o volume como um todo conflui para uma mesma problemática: o sujeito do conhecimento, que desde Descartes ocupa o lugar privilegiado do conhecimento e da verdade, é interrogado pela Psicanálise com a noção de Inconsciente. Dito de outro modo, ou como escreveu Garcia-Roza, a partir da Psicanálise, o *cogito* não é mais “o lugar da verdade do sujeito, mas o lugar do seu desconhecimento”<sup>2</sup>.

Chamar a atenção para a lógica do Inconsciente na sua singularidade e as implicações dela decorrentes para a pesquisa da ordem humana é, na verdade, o propósito mais amplo deste volume.

JOÃO A. FRAYZE-PEREIRA

---

2 Garcia-Roza, L.A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p.23.